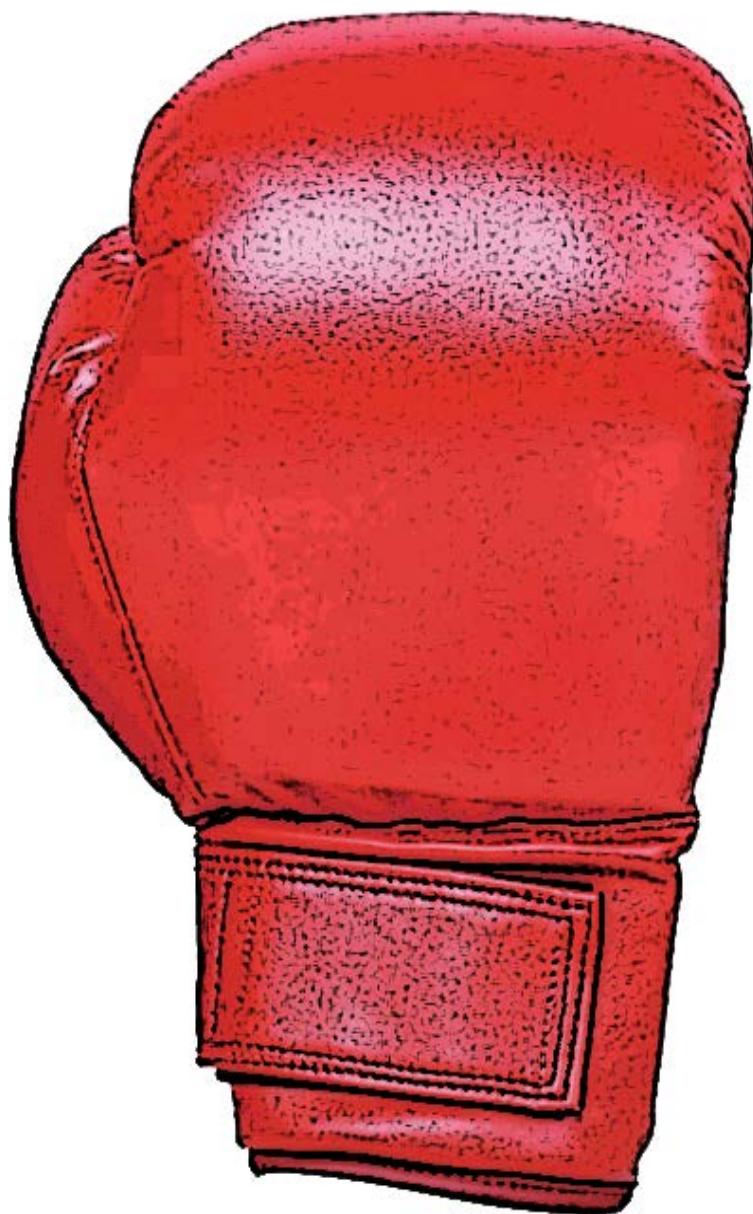


PUNCHLINE



RENATO CARREIRA

Nuvens de pó sopradas por um vento que parecia vir de todas as direções em simultâneo rodeavam o cone atmosférico formado sobre o espaçoporto. As ruínas eram visíveis à distância, entre dois gigantescos montes de terra remexida, iluminadas pela luz baça de um sol moribundo. Um vulto deformado pelo grosso fato de segurança esperava imediatamente além da zona de aterragem, enquanto a assistente de bordo da barca estelar passava um único volume de bagagem ao passageiro, não demorando a subir novamente a plataforma de embarque, que começou a fechar-se de imediato. Não pretendiam passar mais tempo naquele local maldito do que o absolutamente necessário. O passageiro não os censurava.

Afastou-se enquanto ouvia os motores começarem a rugir e o vulto veio ao seu encontro.

— Bem-vindo ao berço da humanidade, Insigne Zarcar. É uma grande honra recebermos pela primeira vez um representante da Ilustríssima Ordem da Luz Racional na nossa remota estação arqueológica.

Tinha o cabelo curto coberto por uma camada repelente de pó baço que parecia absorver a iluminação dos projetores e uma bochecha marcada pelos dedos de uma mão imunda, possivelmente a sua. Mas não deixava de ser uma mulher, apesar de Zarcar nunca ter visto uma humana tão desmazelada nas suas muitas órbitas solares de experiência. Retribuiu a saudação com um aceno ligeiro da cabeça e esperou que dissesse mais alguma coisa. Não apreciava perdas de tempo.

— Chamo-me Dalina Spone. Não sei se foi informado.

— Fui informado — replicou Zarcar, pouco disposto a tolerar dúvidas acerca da eficácia dos serviços da Ordem. — Queira conduzir-me ao local de detenção do suspeito, Excelsa Spone.

A mulher abanou a cabeça.

— Sou apenas Docente. Pensei várias vezes em candidatar-me a uma promoção, mas dedico demasiado tempo ao trabalho para poder preparar-me a preceito. Há que fazer concessões.

Zarcar olhou o retângulo bordado no peito do fato de proteção. O pó não conseguia ocultar a estrela de quatro pontas sobre um crescente.

— A insígnia é de Excelsa — disse, apontando.

Spone baixou a cabeça para olhar.

— Não é meu — explicou. — Só recebemos provisões duas vezes em cada órbita solar e precisamos de aproveitar todo o equipamento disponível. A Excelsa a quem pertencia o fato deixou-nos na órbita passada. Neste momento, sou a discípula de grau mais elevado na estação arqueológica. E, obviamente, em todo o planeta.

— Para onde partiu a Excelsa? — Zarcar estava habituado a tratar com lentes superiores e não com discípulos. — Porque não foi substituída?

A mulher arregalou os olhos por um instante e disfarçou ajeitando a máscara pendurada ao pescoço.

— Foi um eufemismo lamentável da minha parte, Insigne. A Excelsa Madun não partiu para parte alguma. Cessou a sua existência natural no cosmos. Morreu. — Hesitou ao notar a surpresa do interlocutor. — E não foi substituída porque a Reitoria não considerou necessário. A estrela encontra-se demasiado instável. A qualquer momento, poderemos ser obrigados a uma evacuação de emergência com os artefactos e os registos que conseguirmos salvar.

Havia mágoa nas suas palavras. Zarcar não estava interessado.

— Mais uma razão para não perdermos tempo, Docente — disse.

A mensagem foi compreendida.

— Assim é. — Voltou-se para o transporte parado atrás de si, com uma das portas abertas. — Podemos partir logo que coloque o seu fato de proteção. O cone atmosférico não durará muito mais.

Zarcar viu-a baixar os olhos para a sua túnica branca de Insigne e, a seguir, para a bagagem reduzida.

— Não me foi atribuído qualquer fato de proteção — afirmou.

— Ah. — Spone pareceu atrapalhada. — Não trago nenhum comigo. Bom...

— A quem participou a ocorrência?

Pensou por um instante.

— A um Sapientíssimo. O nome escapa-me.

— Tonor? Senda?

— Senda! Foi ao Sapientíssimo Senda. E certifiquei-me de lhe transmitir claramente as nossas condições de subsistência.

Senda. A eficácia dos serviços da Ordem mantinha-se sem mácula. A culpa era de Senda e da inaceitável antipatia que sempre demonstrara por Zarcar. Só o respeito devido a um superior hierárquico o impedia de denunciar o delito de irracionalidade.

Spone pareceu chegar a uma conclusão.

— Não será grave — disse. — A proteção do transporte será suficiente para bloquear a maior parte da radiação solar. A parte letal da radiação, pelo menos.

— Será? — repetiu Zarcar.

— Esperemos que sim — retorquiu Spone, indicando-lhe o seu lugar no interior do transporte.

Zarcar entrou e encolheu as pernas contra o painel de instrumentos à sua frente no espaço diminuto. Pousou a bagagem entre os pés e esperou até Spone se sentar a seu lado para a advertir.

— Tornar a eficácia da tecnologia alimentada pela Razão Suprema dependente de algo tão racional como a fé não será atitude própria de um membro da Ordem, Docente. Não o esqueça. Outros foram exemplarmente punidos por afirmações menos gravosas.

Spone engoliu em seco, fazendo subir a máscara para esconder a sua expressão de pânico, outro delito irracional punível.

— Assim é, Insigne. Sem dúvida — afirmou, com a voz alterada pelo filtro eletrónico da máscara. — Grande é a Razão.

Adequadamente respeitosa, pensou Zarcar. Mesmo naquele ponto remoto da galáxia. Grande era, realmente, a Razão.

Spone puxou a porta e um silvo anunciou a selagem da cabina. Puxou o teclado de navegação e voltou-se novamente para o seu superior.

— Temos duas opções, Insigne. Poderemos ir diretamente para o centro operacional ou efetuar um ligeiro desvio que lhe permitirá observar de perto as ruínas e as últimas estruturas descobertas. Acabámos de desenterrar ontem as fundações de um edifício muito curioso. Possivelmente uma espécie de torre ou um grande...

— Diretamente para o centro operacional, Docente — interrompeu Zarcar. — Estou aqui em representação da Ordem para julgar um caso criminal e para executar a sentença adequada antes que regresse a barca estelar, daqui a três ciclos de rotação planetária. O meu interesse pela pré-história da nossa civilização é nulo. Milhões de anos de pó e ruínas não me dizem respeito.

— Com certeza, Insigne — disse Spone após um instante de silêncio. Introduziu sem demora a rota correta e o transporte arrancou. A saída do cone atmosférico foi marcada por aumento muito ligeiro da temperatura e por uma significativa

intensificação da luz que, apesar de coada pelas densas nuvens de poeira revolta, conseguia ferir os olhos e forçou Zarcar a semicerrar as pálpebras. Outro incómodo quase tão incontornável como a luz era o zumbido do motor, infiltrando-se pelos ouvidos dentro e massacrando os tímpanos. A navegadora percebeu o seu incómodo.

— É um pouco barulhento — gritou, negando a sua afirmação pela intensidade com que precisou de falar para ser ouvida. — O outro transporte operacional está ainda pior.

O chinfrim do motor serviu-lhes de pretexto para não dizerem nada durante o resto da viagem mais desconfortável da vida do Insigne Zarcar, cujas funções forçavam a deslocções quase constantes. Além do ruído, tinha de suportar também os solavancos. O transporte seguia a grande velocidade sobre altos e baixos, erguendo-se nos ares em várias ocasiões e tornando a embater no pó da superfície com violência. Em vários momentos, pareceu a Zarcar que o veículo se voltaria durante uma destas acrobacias involuntárias, mas nunca sucedeu. Felizmente, o giroscópio escaparia à degradação mecânica generalizada. Veículos mais recentes, mesmo tratando-se de veículos de trabalho, reforçavam o sistema de segurança dos passageiros com salvaguardas de conforto. Se aquele transporte específico alguma vez possuísse tal sistema, há muito teria sido destruído pelo uso excessivo e nada evitava que os ocupantes fossem bruscamente projectados contra as arestas toscamente almofadadas do habitáculo.

Quaisquer vestígios das estradas construídas pelos arcaicos habitantes do planeta há muito haviam sucumbido ao massacre constante dos elementos e o percurso acidentado não tentava sequer contornar os frequentes aglomerados rochosos e os vãos fazendo lembrar crateras. A rota programada no transporte não passava entre as ruínas, mas contornava-as a pouca distância, porque a área desimpedida da estação arqueológica não era extensa e as manobras de um veículo além do perímetro limitado passariam de extremamente difíceis a impossíveis.

A estrutura mais discernível era uma parede. Parte de um edifício de funcionalidade desconhecida há muito destruído. Não seria grande contributo para melhorar opiniões negativas sobre os méritos da civilização humana anterior ao abandono do planeta de origem.

— Pode não impressionar, mas permitiu-nos uma compreensão básica das suas técnicas de construção, numa época em que muito pouco era conhecido — arriscou Spone, percebendo que Zarcas olhava.

Um girar da cabeça para a frente e a ausência de resposta foram suficientemente eloquentes como manifestação de absoluta falta de interesse e o resto da acidentada viagem decorreu sem vozes humanas tentando em vão sobrepor-se ao zumbido do motor.

O centro operacional não precisava realmente de ser identificado como um centro porque não havia nada visível em redor além de pó e pedras. Nem as ruínas se dignavam a conferir alguma variedade à paisagem desolada. Uma torre cilíndrica estreita assegurava um cone atmosférico permanente sobre as duas estruturas baixas, improvisadas com módulos prefabricados e unidas por um corredor atarracado. Junto à estrutura menor, via-se um monte de terra que a excedia em altura e, um pouco mais além, um cubo fumegante seria o gerador cujo esforço inglório alimentava a última presença humana no planeta.

O transporte cessou finalmente a sua algazarra mecânica e os ocupantes saíram. Spone retirou a máscara e indicou uma porta próxima a Zarcas. Depois de se aproximarem, golpeou o metal corroído e, aberta a porta, entraram numa antecâmara acanhada. Um Letrado baixo e calvo atrevia-se a lançar raros olhares temerosos ao Insigne. Spone estendeu a mão para o Letrado enquanto despia o fato de proteção, mas Zarcas não permitiria que desperdiçasse ainda mais o seu tempo precioso com apresentações inúteis.

— O suspeito. — Disse. — Por favor.

O Letrado calvo pareceu respirar de alívio enquanto Spone baixava a cabeça para passar uma porta estanque aberta. Imediatamente além da antecâmara, havia um espaço de armazenamento caótico, repleto de equipamento em vários estados de conservação e operabilidade e de artefactos trazidos para catalogação. Seguia-se uma divisão circular com portas para os aposentos dos técnicos e, imediatamente após, o coração da estação arqueológica, com os monitores de suporte de vida, os dois cérebros eletrónicos destinados ao trabalho de análise e registo de todo o material trazido da escavação e mesas de trabalho contendo equipamento mais rudimentar.

Aí, três Letrados e uma Aprendiz mantinham-se ocupados, mas a entrada de Spone e do desconhecido fê-los levantarem-se das cadeiras (excetuando o que

trabalhava de pé). A Docente apressou-se a gesticular-lhes que não deviam aproximar-se para a apresentação formal e, após algum espanto, o trabalho voltou a ser a sua maior preocupação, pelo menos em aparência.

Ao fundo do laboratório, havia uma porta fechada. O Insigne foi conduzido até ela e Spone abriu-a com uma chave magnética retirada de um bolso.

Um homem sentava-se à mesa, com as mãos segurando um copo vazio. Ergueu a cabeça, mas logo voltou a baixar o olhar, não parecendo surpreendido. Havia apenas uma cadeira vazia e Zarcar acercou-se dela, sem se sentar. Colocou o volume que transportava sobre a mesa e abriu um fecho. Como se o ruído ligeiro o tivesse despertado de um transe, o homem mostrou-se subitamente apreensivo. Os seus olhos fixavam-se, arregalados, no objeto que o Insigne retirava do estojo.

— Atla Dolner, Docente com estatuto suspenso até conclusão do processo — começou Zarcar. — Represento a Ilustríssima Ordem da Luz Racional e cabe-me ser juiz e executor no processo que te foi movido. — O homem forçou-se a afastar o olhar do objeto e baixou-o novamente para o tampo da mesa. — És acusado de violação gravosa da previdência exigida pela razão, com a perda de duas vidas humanas como resultado: a de Dolan Kapa, Docente, e de Silma Vura, Aprendiz. Aceitas a culpa?

O acusado demorou algum tempo a responder.

— Não... Não fiz nada. — A sua voz era um sussurro.

Zarcar voltou a erguer o objeto que retirara do estojo e debruçou-se sobre a mesa. O homem encolheu-se, assustado.

— O medo é uma violação irracional — recordou o Insigne. — O colar justificador é um instrumento de aplicação da pena, mas também de reconhecimento da inocência.

O homem pareceu resignar-se e Zarcar pôde colocar-lhe o colar de metal baço ao pescoço, fechando-o na nuca.

— Permite, além disso, gravar o interrogatório — acrescentou o Insigne. — Poderás recusá-lo, mas a recusa será considerada em teu demérito. Recusas?

Dolner abanou a cabeça e Zarcar sentou-se. Spone encostara-se à parede num canto da sala estreita e iluminada por uma grelha voltaica colocada no teto baixo.

— Relata o que aconteceu — disse o Insigne. — Da forma mais resumida possível.

O suspeito olhou Spone por um instante e pigarreou. Quando falou, a sua voz tornara-se mais sonora.

— Quando voltaram, estava a...

— Comece por indicar as funções que lhe foram atribuídas na estação arqueológica — instruiu o Insigne.

Dolner obedeceu. Não que tivesse alguma alternativa.

— Ocupo-me... Ocupava-me — corrigiu — da manutenção do equipamento.

— De que tipo de equipamento? — perguntou Zarcar.

— Transportes... suporte de vida...

— Dos fatos de proteção também?

— Sim. Também.

— Prossiga.

O homem engoliu em seco e olhou o fundo do copo vazio.

— Fazia testes de rotina num dos cérebros eletrónicos quando a equipa regressou. Vura assistia-me.

Zarcar acenou com a cabeça. Até ali, não havia discrepâncias entre o relato do suspeito e as informações constantes no relatório que lhe fora entregue.

— E as mortes? Quando ocorreram?

Dolner massajou a testa com os dedos. A recordação parecia ser-lhe dolorosa. Dois ou três ciclos de rotação mais tarde. Estavam bem e, de repente...

O Insigne recitou a descrição constante no relatório:

— Espasmos súbitos, crescentes e incontrolláveis. Perda de controlo dos membros. Verbalizações soluçantes e ruidosas. Dificuldades na respiração.

O suspeito confirmou com um movimento da cabeça, incapaz de falar.

— E depois?

Perante o silêncio de Dolner, foi Spone a prosseguir.

— Caíram ao chão. Primeiro Vura, depois Kapa. Mas foi quase simultâneo. Quando os espasmos começaram, ampararam-se um ao outro, como se algo na sua condição os fizesse aproximarem-se. Ficámos chocados... — Um olhar do Insigne fê-la corrigir. — Tivemos um momento de surpresa, mas foi prontamente ultrapassado pelo exercício da razão. Colocámos os cadáveres sob quarentena, registámos os testemunhos de todos os residentes na estação arqueológica e reportámos o sucedido aos serviços centrais da Ordem. Enviaram um Físico.

— Qual foi a sua avaliação quanto à causa das mortes?

— Colapso cardíaco — respondeu Spone. — Provocado por contacto com substância nociva na atmosfera. Fomos submetidos a exames e confirmou-se que não corríamos qualquer perigo. Antes de partir com os cadáveres, o Físico ordenou que colocássemos o Docente Dolner sob prisão por manutenção deficiente do fato de proteção de Kapa.

— Parece-me um diagnóstico rigoroso e perfeitamente racional — considerou o Insigne. — Tem algo a dizer, suspeito Atla Dolner?

O interrogado ergueu a cara antes escondida pelas mãos.

— Vura estava comigo. Não saiu do centro operacional. Seria impossível que tivesse contactado com qualquer substância nociva.

Zarcar pensou por um momento.

— Contágio — disse. — A substância foi transmitida por via aérea de uma das vítimas para a outra.

— E apenas para ela? Estávamos próximos. Um contágio ter-nos-ia afetado a todos.

— Saberemos explicá-lo quando identificarmos a substância culpada depois das autópsias — explicou o Insigne. — De qualquer forma, parece-me que a acusação terá todo o fundamento. É a única justificação lógica.

Spone moveu-se atrás do Insigne.

— O artefacto — disse Dolner.

Inesperado.

— Que artefacto? Não constava qualquer referência a um artefacto no relatório. — Seria novamente obra do Sapientíssimo Senda, pensou Zarcar.

— Encontrámo-lo nessa expedição. No terceiro quadrante da grelha de exploração atual — disse Spone.

— O que é? — perguntou Zarcar, controlando cuidadosamente o tom de voz. — Onde está?

Spone saiu, deixando interrogador e interrogado sozinhos. Não trocaram qualquer palavra até ao regresso da Docente. Colocou o objeto que trazia sobre a mesa, diante do Insigne. Era um pedaço de material amarelado e quebradiço, decorado com caracteres primitivos e protegido por uma película transparente.

— Todos o examinávamos imediatamente antes das mortes. Nunca encontramos nada assim. As lascas de celulose que usavam como suporte de escrita eram muito frágeis e não nos restam grandes exemplos. Um fragmento desta dimensão com inscrição legível seria inestimável para reforçar os nossos conhecimentos — explicou Spone. — Kapa leu a inscrição em voz alta e todos a ouvimos. Foi a última coisa que fez.

Zarcar examinava os caracteres.

— Domina o idioma arcaico? — perguntou Spone.

Zarcar não se dignou a responder-lhe e continuou a leitura.

— Uma galinha? — disse.

— Sim — disse a Docente. — Uma criatura da fauna original do planeta. Do grupo dos aviformes. Domesticada. Pensamos que os humanos arcaicos lhes comeriam a carne e talvez algo mais que não conseguimos descortinar.

O Insigne ergueu os olhos do artefacto.

— Não faz qualquer sentido. Que significa isto?

Spone abanou a cabeça, parecendo desconsolada.

— Não sabemos, Insigne.

Zarcar voltou-se novamente para Dolner, que o olhava com esperança muito pouco racional no olhar.

— Não altera nada. Foi examinado? — perguntou.

— Sim. Não se detectou qualquer substância nociva — respondeu Spone.

— Irrelevante — considerou o Insigne, fazendo deslizar o artefacto sobre a mesa, afastando-o de si. Levou a mão ao interior do estojo e retirou um pequeno cilindro. Segurou-o enquanto se levantava. Dolner fechou os olhos, inspirou e voltou a abri-los. — Atla Dolner, docente com estatuto suspenso, pela autoridade que me é conferida pela Ilustríssima Ordem da Luz Racional e após cuidados ponderação dos indícios, considero-o culpado e executo a sentença em nome da Razão Suprema. Diga as suas últimas palavras, se desejar.

Dolner ergueu-se e Spone deu um passo adiante, colocando-se ao lado do Insigne. O condenado abriu a boca, mas conseguiu apenas engasgar-se. Zarcar apertou o cilindro e o colar justicador contraiu-se ligeiramente. Dolner gemeu e tombou inerte sobre a mesa. Spone deixou cair os braços que, entretanto, erguera e olhou o homem caído.

— É a terceira morte que presencio — disse, enquanto Zarcar retirava o colar do pescoço do condenado e voltava a guardá-lo no estojo, juntamente com o cilindro ativador.

— Terei de levar o artefacto para registo no processo — disse o Insigne, colocando o fragmento também dentro do estojo e fechando-o. — Será atempadamente devolvido.

Era notório que Spone se opunha, mas não conseguiu manifestar a sua opinião.

Foi o letrado calvo a conduzi-lo de volta ao espaçoporto. Não lhe ouviu uma palavra, o que lhe poupou o esforço de lhe pedir silêncio. O caso provocava-lhe azia. Era frequente o incómodo depois de aplicar uma sentença capital.

A barca espacial aterrava quando chegaram. Esperou que os motores serenassem e que o cone atmosférico fosse ativado e saiu do transporte, sem olhar para trás quando este partiu, quase de imediato. A mesma assistente de bordo desceu a rampa e aguardou. Antes de lhe entregar o estojo, abriu-o e retirou o fragmento. Puxou-o para fora da película transparente e voltou a ler.

"Porque é que a galinha atravessou a estrada?"

Absurdo, pensou. Completamente absurdo.

Rasgou o fragmento de material quebradiço e amarelado em muitos pedaços e deixou-os cair sobre o chão empoeirado. A seguir, embarcou e ocupou o seu lugar na cabina em que era o único passageiro. A assistente desapareceu de vista e a barca descolou. Ultrapassada a barreira atmosférica do maldito planeta, a assistente de bordo veio perguntar se lhe podia trazer alguma coisa. Pediu uma cápsula para o aperto em que se transformara a azia. Quando chegasse ao astrocruzador, consultaria o Físico.

Ponderava a possibilidade de denunciar a irracionalidade do Sapiéntíssimo Senda quando regressasse quando a assistente regressou com a cápsula num pequeno tabuleiro e um copo de água. O primeiro espasmo ocorreu nesse momento. Seguiu-se outro e mais outro. Era como se o seu diafragma tivesse vida própria. A assistente de bordo olhava-o, assustada, estendendo-lhe a cápsula e o copo de água. Perdeu o controlo que lhe restava. Deixou-se afundar na cadeira, encolhendo braços e pernas e apertando a barriga com as mãos. O maxilar movia-se para cima e para baixo, como se falasse, mas o único som que lhe saía da boca era um urro contínuo, uma espécie de "hahaha" prolongado.

A assistente pousou o copo e o tabuleiro no chão e tentou segurar-lhe os ombros para impedir os espasmos. Mas era inútil. "Hahahahahahaha." Um dos pilotos veio ver qual era o motivo de tanto alarido e também se ficou a olhá-lo, alarmado.

— O que se passa? — perguntou. — O que é isto? Que tem ele?

A assistente abriu os braços, incapaz de lhe dar uma resposta.

"HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA". O urro saía-lhe da garganta com intensidade cada vez maior. "HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA!" Segurou a manga da assistente de bordo e puxou-a para si.

— Para chegar ao outro lado! — gritou-lhe, pronunciando as palavras com dificuldade e esgotando o oxigénio que lhe restava nos pulmões. — Ao outro lado — disse, antes de o urro ser interrompido pela inconsciência. — Ao outro lado!